

Resenha

Rüdiger Safranski, *Nietzsche: biografia de uma tragédia*. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2001. 263 páginas.

Sandra S. F. Erickson*

Ao contrário das biografias sobre Nietzsche resenhadas para o último número dessa revista¹, essa biografia de Rüdiger (que aliás e não por acaso também escreveu uma biografia de Heidegger publicada pela mesma editora) é um texto bastante interessante e bem escrito no que se refere à apresentação e organização do material, tanto “objetivo” (os dados da vida do controvertido biografado), quanto “subjetivo” (a apreciação do autor e suas respostas aos dados reportados).

O texto enquanto construto gramatical, deixa a desejar em muitas passagens por causa de muitos erros que contém (56, 60, 61, 63, 89... 122, 123, 124, 125, enfim são muitas para citar-se todas), inclusive de concordância e grafia (“o artistas”, 86; “ser referir”, 122; “metáforo”, 299; “Nnatureza”, 103 “aspetos”, 255). As notas explicativas no rodapé tanto do autor, quanto do tradutor são bastante úteis, pois contextualizam termos alemães difíceis de traduzir para o português, como é o caso de *Ungeheuer*, que, conforme a nota 1 (13) explica, pode ser traduzido por “monstro”, mas também por extraordinário, incomum, ingente, e ainda inaudito, que é a acepção acolhida pelo tradutor. Já para o termo

* B.A., em Filosofia, Western Carolina University, Doutorado em Letras, UFPB; Professor do Departamento de Letras, UFRN. E-mail: sferickson@ufnet.br

¹ Chamberlain, Lesley. *Nietzsche em Turim: o fim do futuro* (trad. Pedro Jorgensen Jr.; Rio de Janeiro: Difel, 2000; 283 páginas); e *Quando Nietzsche chorou: romance da obsessão* (trad. Ivo Korytowski; Rio de Janeiro: Ediouro, 1995). Aliás, vale a pena comentar que a presente biografia menciona Nietzsche chorando várias vezes (ver, por exemplo, 218).

unheimliche, o tradutor prefere “sinistro”, em vez do “estranhamente familiar” de Freud ou Heidegger, mesmo quando ele é utilizado em contraste com *heimliche*, traduzido por “familiar” (69 e 151, n. 14). Para o controvertido *Übermensch*, foi adotada a acepção “além-do-homem” de Rubens Rodrigues Torres do volume *Nietzsche para Os pensadores*, conforme explicada na nota 9 (97) e também seguida por Scarlet Marton em sua tradução de *Nietzsche e suas vozes* por Ronald Hayman, mencionada mais abaixo.

Começando a tratar o biografado como um herói épico moderno (22), um “Hamlet encarnado”, o autor oferece a idéia plausível de que o próprio Nietzsche tratou de sua própria vida como um *Bildungsroman*, um “romance de formação”, e seus escritos eram motivados, em parte pela necessidade de responder a proposição “como me tornei o que sou” (20) porque, segundo o biógrafo, ele sempre se considerou importante e nunca duvidou de que sua vida valeria a pena ser vivida. Existe uma certa tentação de tratar Nietzsche como uma espécie de santo, “alguém que carrega nos ombros, como representantes de Atlas, os problemas do mundo” (22). Essa tendência de idealizar Nietzsche parece comum entre seus biógrafos (por exemplo, em *Nietzsche em Turim* se chama muito a atenção para seu sofrimento físico, enquanto o ficcional *Quando Nietzsche Chorou* para o sofrimento metafísico). Felizmente, o autor abandona logo esse tratamento pouco adequado a Nietzsche, passando a trata-lo, se bem com reverência, apenas como humano, apenas, humano. A epistografia, parte importante dos escritos de Nietzsche, é utilizada sempre estrategicamente e com bom gosto. As seleções são sempre apropriadas aos contextos nos quais são utilizadas. Pouca ênfase é dada ao sofrimento de Nietzsche com suas horríveis dores de cabeça. Talvez porque o autor não queira incitar no leitor sentimentos de pena que o próprio biografado não toleraria, mas independente disso, as constantes e intensas dores de cabeça que Nietzsche sofreu é um fato importante de sua vida – superá-las fez dele uma pessoa admirável.

Um dos pontos interessantes do texto – e que por si só já justificam a leitura dessa biografia – é a organização do pensamento do jovem Nietzsche que o autor faz. Começando com os escritos do Nietzsche criança e do adolescente, o autor tenta e consegue mostrar como tudo o que Nietzsche escreveu corresponde a um processo contínuo e mesmo sistemático que culmina nos escritos do Nietzsche “maduro” – se é que existe tal coisa. A própria insanidade de Nietzsche parece fazer parte de um plano. O famoso episódio reportado pela senhoria da pousada onde ele se hospedava em Turim, de que o tinha visto dançando nu pelo quarto (283), geralmente apontado como indicio da falta de sanidade de Nietzsche aparece na biografia como se fosse um teatro que Nietzsche encenasse para si mesmo. Porém essa idéia de que a loucura possa ser parte de um plano teatral através do qual Nietzsche se retirou da vida intelectual ativa, não seja defensível, embora possamos entender a desesperada tentativa do biógrafo de “salvar” ou poupar seu ilustre biografado de um fim tão pouco digno. Sim, porque o problema da loucura de Nietzsche não é a loucura em si, mas a forma abjeta que ela tomou. Ele poderia ter sido um grande louco, dançando nu nas luas cheias ao som da música das esferas, celebrando assim seu Dioniso até o fim de seus dias. Mas não foi isso que aconteceu.

Embora o autor pareça não entender o conceito de música que Nietzsche absorve de Schopenhauer, isto é, como conceito matemático, abstração, e não o meramente audível, que “existe até na confusão das línguas em babel” (89), e, portanto, completamente diferente daquilo que é escutado e “apreendido” por alguém “sentado no metrô com um walkman no ouvido” (90), o papel da música na vida de Nietzsche aparece com dignidade e propriedade, e não com a mesquinhez do *Nietzsche em Turim*; da mesma forma, o problema da sanidade mental de Nietzsche é enfrentado com dignidade, coragem, embora talvez idealisticamente, conforme se apontou acima, pois aparece meio que de repente (Capítulo 14), numa narrativa que construiu para o leitor um Nietzsche vigoroso, ativo, pleno de poderes físicos, intelectuais e, por que não, espirituais? Nesse ponto da narrativa,

é com uma tristeza trágica, com um sentido de *hamartia*, que o leitor se apercebe do que aconteceu com o heróico protagonista. O crepúsculo do grande pensador... Depois, alguns comentários ainda são acrescentados sobre o Nietzsche ensandecido, como que para se confirmar realmente que foi verdade, que aconteceu de fato. Esse outro lado da vida do filósofo também aparece pouco em outras biografias.

Outro momento corajoso do texto é a discussão das idéias políticas de Nietzsche, inclusive apoiadas por citações do próprio Nietzsche, sobre a questão difícil das proposições “biopolíticas” de Nietzsche (285), bem como de suas posições (e disposições) antidemocráticas, que muitas biografias abafam, inclusive o fato de que ele era a favor, entre outras igualmente difíceis posições políticas, do trabalho infantil (135). O autor reafirma a incompatibilidade do pensamento de Nietzsche com o nazismo, mas explica como esse pensamento pode desembocar numa justificativa para a guerra coerentemente apropriável pelo nazismo (300), recuperando depois o nietzschismo para seu papel mais historicamente apropriado ao definir sua influência em termos de uma confrontação entre a “comunidade dionisíaca contra a sociedade mecânica; heróis contra comerciantes, consciência trágica contra pensamento utilitarista” (300-301) da Europa pós-guerra.

Alguns pontos fracos podem ser encontrados na relativa pouca importância dada ao relacionamento de Nietzsche com Lou Salomé, embora, contraditoriamente, o autor atribua a inspiração final para Zaratustra, que ele chega a chamar de “filho” dessa relação de Nietzsche, a essa passagem intensa de sua vida.

Outro ponto pouco mencionado nas biografias de Nietzsche é seu alegado homoeroticismo, o qual o presente autor promete discutir no Capítulo 12, mas que, como a discussão sobre Lou Salomé, acabou apenas *em passant*, gerando mais dúvidas do que esclarecimentos.

Entre as influências de outros pensadores sobre Nietzsche, sente-se a falta de Hegel. Uma análise mais sensível, pertinente e até, necessária do poeta grego Hesíodo, a quem Nietzsche estudou

e que o autor discute em mais de uma ocasião seria salutar, até porque, se, como o autor sugere a compaixão era o pecado de Nietzsche, essa, como dizer, fraqueza, não se deriva necessariamente de um cristianismo mal resolvido em Nietzsche, mas era uma virtude cuja perda Hesíodo muitíssimo lamenta em *Dias e Trabalhos*. Embora seu tratamento das idéias evolucionistas de Charles Darwin, na verdade responsáveis pela “morte de Deus”, apenas proclamada, mas não promulgada por Nietzsche deixe um pouco a desejar, o autor oferece uma interessante discussão da diferença entre a doutrina da evolução de Darwin a qual interpreta a existência em termos de luta pela sobrevivência, e a doutrina de Nietzsche da “luta pela dominação” (243).

Outra “fraqueza” do texto é a sobrevalorização estética de *Zaratustra*, que na verdade, já que filosofia não é, porque em estilo, conteúdo e forma não lhes corresponde, também como poesia, deixa muito a desejar em estilo, conteúdo e forma. É verdade que o texto de *Zaratustra* tem seus momentos de grandeza poética, como também filosófica, mas nem uma nem outra qualidade se mantém por todo o texto. *Zaratustra*, se bem ele venceu, como nem Belerofonte o fez, o interdito da montanha proibida aos excluídos da graça divina, não passa de um pobre profeta menor, sem a força de um Daniel quando entrou – e saiu – da cova dos leões, ou sem a dignidade de um João Batista arredio vivendo de gafanhotos e de favos de mel silvestre, pagando com sua cabeça o preço de sua liberdade espiritual e o direito de bem falar sobre verdades temporais.

Essa sobrevalorização do *Zaratustra* também aparece em *Nietzsche e suas vozes* por Ronald Hayman (trad. Scarlet Marton; São Paulo: UNESP, 1999), que promete uma análise das vozes que no texto o autor diferencia da do Nietzsche autor, mas não cumpre, ficando o leitor a imaginar, enfim, o que de novidade é ali oferecido, já que o Hayman inclusive não se envergonha de utilizar dados biográficos, quando convenientes, para justificar “vozes” que ele não consegue derivar dentro do corpo narrativo, talvez por falta de treino na crítica literária. Uma leitura de *Zaratustra* como paródia bíblica talvez seria mais apropriado.

Ressalvados esses negativos, o livro tem seus momentos bons, até iluminadores, mesmo para os leitores já familiarizados tanto com o pensamento como com as biografias de Nietzsche. Talvez até especialmente para esses, pois, podendo separar o joio do trigo, o leitor cultivado encontrará bastante desse último. Menciona-se entre esses momentos, a discussão de Wagner e sua influência na vida do biografado; a análise de *O nascimento da tragédia*, no Capítulo 4, onde se ressalva o que nunca é demais repetir, a saber, a importância desse estudo para a estética; e a discussão no último capítulo da influência de Nietzsche em autores como Karl Jaspers, Heidegger, Thomas Mann, Bergson, Adorno, Horkheimer, e Foucault, bem como a discussão da apropriação do pensamento de Nietzsche pelo nazismo hitleriano, já mencionada acima.

Esse livro consegue mostrar Nietzsche como o pensador original e fascinante que ele foi. Sem ser na linha de entretenimento, o que a gente já sabe nos aparece de modo agradável, refrescante, bem vindo. E se a gente não o sabe, aprende-se com a mesma disposição, pois sem ser um estudo “profissional”, é filosófico o bastante para atrair, sem trair, o interesse de estudiosos e leigos desse pensador.

É um livro belo, que tem apenas um erro trágico: não consegue separar a vida do biografado de seus textos tanto quanto o biografado merece. No mais, nota-se o cuidado e desvelo, o carinho mesmo com o qual foi concebido e escrito. Seria também elegante, se não fosse pelos muitos erros gramaticais de um texto que merece ser melhor editado.